



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES - BHU**

**ISLÃ NO CEARÁ: PRÁTICA ISLÂMICA DOS ESTUDANTES
MUÇULMANOS DE GUINÉ-BISSAU NA UNILAB.**

SENE COTE

Redenção - CE

2016



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES - BHU**

**ISLÃ NO CEARÁ: PRÁTICA ISLÂMICA DOS ESTUDANTES MUÇULMANOS DE
GUINÉ-BISSAU NA UNILAB.**

SENE COTE

Projeto apresentado ao Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte de requisitos necessários para obtenção de grau de Bacharel em Humanidades.
Orientador: Prof. Dr. Ronald Apolinario de Lira

**Redenção - CE
2016**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	3
1.1 A prática islâmica nos municípios de Redenção e nas adjacências.....	3
1.2 Tipologias sobre as comunidades Islâmicas.....	8
2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO OU DO FENÔMENO A SER INVESTIGADO.....	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivos específicos:.....	11
3. JUSTIFICATIVA.....	12
4. PROBLEMATIZAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO OBJETO	14
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
5.1 Conceito da religião.....	15
5.2 A concepção sociológica de weber sobre o islã.....	19
6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS/ASPECTO TEÓRICO - METODOLÓGICO	21
7. MÉTODOS/DESENHO DOS INSTRUMENTOS	23
8. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES.....	24
REFERÊNCIAS	25

1. APRESENTAÇÃO

A Trajetória inicial desta pesquisa foi desde ano 2014 na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia (Unilab), tendo em conta a nova realidade social-religiosa do Brasil, especificamente dos municípios de Redenção e Acarape (onde reside o maior número de estudantes muçulmanos da Guiné-Bissau na UNILAB) do Maciço de Baturité, Estado do Ceará.

A ideia para pesquisar sobre a prática islâmica de reza e de jejum dos estudantes muçulmanos da Guiné-Bissau nesses municípios surgiu logo após onze meses da chegada dos estudantes guineenses da entrada 2013.1, que foi no mês de junho desse ano. Nesse período, os estudantes muçulmanos que chegam ao Ceará vindos desse país acima mencionado enfrentaram muitas dificuldades nessa região, entre as quais fuso horário para principalmente o cumprimento de reza na hora certa, falta de uma mesquita/mussala por perto deles e muitas vezes falta de tempo por causa da ocupação com as aulas na Universidade ou com as atividades acadêmicas.

Portanto, em observação a estas questões, foi escolhido como tema para este projeto de pesquisa: “Islã no Ceará: Prática islâmica dos estudantes muçulmanos de Guiné-Bissau na Unilab”, procurando entender especificamente a prática e de reza e de jejum por esses estudantes.

1.1 A prática islâmica nos municípios de Redenção e nas adjacências

Saídos do país de origem para estudar num outro país, cuja realidade religiosa e sociocultural é totalmente diferente, é a experiência que cerca de 40 estudantes muçulmanos de Guiné-Bissau enfrentam no Estado do Ceará, Brasil, concretamente nos municípios de Redenção, Acarape e António Diogo, onde moram. Dentre os estudantes, uns estudam em tempo integral, manhã e tarde, outros estudam somente no turno da noite.

Vale explicar que esses estudantes se organizaram em uma comunidade islâmica, denominada “Comunidade Islâmica de Redenção/Acarape”, por meio da qual realizam diversas atividades através de encontros semanais/mensais com objetivos de, entre outros, fazer *dawa*¹.

¹ *Dawa* é a prática islâmica de chamar os não muçulmanos a conhecerem a religião e de fazer lembrar os muçulmanos da prática islâmica.

Os primeiros estudantes guineenses tinham grandes dificuldades em termos de cumprimento das práticas religiosas do islã, principalmente da reza, sendo que, às vezes, se organizavam em grupo para ir à mesquita que se encontra em Fortaleza a fim de cumprir essa prática. O que geralmente acontece às sextas-feiras e nos dias de reza especial (*Eid*²). Tendo em conta essas dificuldades e com a entrada de novos irmãos muçulmanos na Universidade, havia uma necessidade de se criar uma comunidade islâmica para ajudar na organização/inserção dos irmãos muçulmanos, que se encontravam resididos em Redenção.



Ilustração 01 - Imagem do primeiro encontro da “comunidade islâmica Redenção/Acarape” em Redenção, realizando a oração do *zuhr* (meio dia).

² *Eid* trata-se da prática de reza especial islâmica, que se divide em duas: *Eid al-Fitr* (reza praticada no final do mês de ramadan) e *Eid al Adha* (que é reza do sacrifício, praticada no mês da peregrinação).



Ilustração 02 - Imagem de *Eid Fitr* 2014 no Centro Cultural Islâmico Beneficente do Ceará (CCBIC).

Daí, no mês de fevereiro do ano 2014, surgiu a ideia de criar uma comunidade islâmica em Redenção. Hoje, essa comunidade realiza algumas atividades religiosas, como encontros para aproximar e ajudar os irmãos a se integrarem na comunidade islâmica, organizar atividades para quebrar o jejum na casa de um irmão, fazer *dawa*, sensibilizar e ensinar os irmãos muçulmanos a respeito do islã e/ou da leitura do livro sagrado, o alcorão.

No que se refere à organização da “comunidade islâmica Redenção/Acarape”, entre outros membros/responsáveis que a compõem, conta-se com um membro denominado *imam*, responsável por questão da reza, de *dawa*, do ensino da leitura do alcorão e da alfabetização em Árabe tendo também o papel de conselheiro etc.; um membro responsável pela comunicação islâmica em atividade religiosas ou acadêmicas voltadas à questão da religião, que é também o segundo *imam*; importa referir que a comunidade possui dois conselheiros, além do *imam*, que também faz esse papel.

Vale esclarecer que os membros dessa comunidade foram eleitos na primeira reunião convocada para a escolha dos responsáveis dessa organização islâmica, ato que teve lugar em Acarape, no ano 2015, contando com a presença de cerca de 20 membros, os quais através de uma eleição, escolheram Mamadu Nanque, de 27 anos de idade, como *imam*; Sene Coté, também de 27 anos idade, segundo *imam* e responsável pela comunicação de assuntos islâmicos em atividade religiosas ou acadêmicas voltadas à questão da religião; Braima Dabó e Umara Seide, respectivamente, de 36 e 27 anos, conselheiros da comunidade islâmica.

A escolha desses membros, principalmente, o *imam* e o seu segundo, foi feita considerando o conhecimento islâmico deles, visto que são pessoas que estão mais adiantadas em termos de conhecimento de alcorão e de *ahadices* (conjunto de ditos de profeta Mohammad). Quanto aos outros dois membros, foram escolhidos por questão de confiança, sendo que têm idade maior que os outros, tendo também muita experiência acumulada. No entanto, a duração dos cargos ocupados pelos membros é por um tempo indeterminado por enquanto. Dependendo de demandas dos membros em geral, pode ser efetuada a escolha de outros membros responsáveis para as atividades dessa comunidade islâmica.

Além desses membros, importa referir que essa comunidade conta com dois secretários, nomeadamente Alfa Aliu Embaló e Abdulai Danfá, ambos de 25 anos de idade; e uma tesoureira, de nome Adjiratu Turé, também de 25 anos de idade. Esses responsáveis também foram eleitos tendo em conta a confiança neles depositada, igualmente por um período ainda indeterminado.

Contudo, durante a existência da “comunidade islâmica Redenção/Acarape” em 2014, havia um responsável islâmico para toda a comunidade, que foi indicado pelos membros presentes por unanimidade, tendo em conta o conhecimento religioso e a confiança nele depositado. Esse responsável desempenhava cumulativamente o papel de *imam*, do responsável para explicação/esclarecimento de assuntos islâmicos e de cobrança de quotas.

Vale fazer referência à questão de quotas, que sustenta essa comunidade islâmica. Por isso, mensalmente os membros constituintes da comunidade contribuem com 10 reais, dos quais 5 reais é utilizado como fundo, e outro 5 serve-se da compra de produtos alimentares, os quais são usados para cozinha nos encontros, que têm lugar na primeira metade de cada mês. A finalidade das quotas é para tratar de questões que afetam os membros, principalmente problema de saúde. Além disso, essa organização islâmica beneficiava de apoios de transporte (que se servia para ajudar no regresso dos membros da comunidade), de livros sobre islã e de produtos alimentares no período de Ramadan para a quebra de jejum.



Ilustração 03-imagem de visita com cheiks da mesquita de Fortaleza à comunidade Islâmica Redenção/Acarape, em que foram ofertados alguns livros sobre o islã, contando com um pouco de explicado sobre essa religião.

Importa explicar que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) abre cada ano o processo seletivo para ingresso de estudantes estrangeiros dos CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), sendo que a maioria são de países africanos. Os principais países africanos na UNILAB são: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, incluindo um país de Ásia, que é Timor Leste.

Essa Universidade está localizada em dois Estados brasileiros, um em Ceará, concretamente no Maciço de Baturité e outro na Bahia, especificamente em São Francisco do Conde. Considerar-se-á, porém, no trabalho, o primeiro Estado mencionado (Ceará). Neste Estado situa-se o campus sede dessa universidade, na cidade de Redenção, que fica a 60 km da capital, Fortaleza.

A UNILAB é uma universidade de carácter internacional tendo como uma das propostas a integração entre o Brasil e os países da CPLP, especialmente os países africanos

de língua portuguesa, buscando promover um intercâmbio cultural, científico e educacional através da cooperação internacional, do intercâmbio acadêmico e solidário.

Tendo em conta o caráter da internacionalização: cooperação, integração da universidade, no ponto 3 de diretrizes gerais para a implantação dessa Universidade, pode-se ler “o reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural, de gênero etc.” (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, 2010, p. 26).

À comunidade islâmica, tem se agregado novos muçulmanos chegados de Guiné-Bissau e não só, pois um irmão muçulmano de Moçambique compartilha esse espaço com seus irmãos muçulmanos guineenses.

1.2 Tipologias sobre as comunidades Islâmicas

Segundo Silva (2005, p. 134), entende-se uma sociedade islâmica organizada como *umma*, explicada mais adiante, que, orientada pelo sentido unificador de *tauhid*³ requerendo uma formação social, não se estrutura em termos de tribo, nação, etnia ou raça, mas de religião, esperando dos aderentes não-muçulmanos o mesmo procedimento: superação de laços tribais, étnicos e raciais, e organização na base de suas confissões religiosas.

De acordo com Lewis (1990), com a chegada de profeta Moammad à cidade de Media, ele sentiu a necessidade de estabelecer uma relação política ao seu principal objetivo, que é religioso. Sendo assim, redigiu um documento em que, entre os imigrantes de Meca e as tribos de Medina e entre eles e os judeus, se regulavam as relações. Assim, foi estabelecida uma comunidade islâmica denominada *umma*, que possui duplo caráter, servindo-se, por um lado, de uma organização política, semelhante a uma tribo nova, tendo Moammad como líder e como membros os muçulmanos. Entretanto, possui também, por outro lado, fundamentalmente um significado religioso, sendo que é em torno da religião que em comum se realizam práticas islâmicas de adoração, de “aceitação uma de visão partilhada do destino humano neste mundo e no próximo, ligava-nos uns aos outros e separavam-nos de outras fés, quer vivesses entre eles na morada do islã ou além de suas fronteiras”. (HOURANI, 1994, p. 74).

Ainda segundo este autor, no islã, independentemente da existência singular de homem e de suas relações mais amplas de familiaridade ou de parentesco, de tribo ou de divisão administrativa, bairro ou cidade, os muçulmanos eram – e são – conscientes de que

³ Unificar Deus na sua criação, acreditado na sua divindade como o único que merece ser adorado, sem associá-lo a algo ou alguém. In islamhouse.com.

pertenciam e – ainda pertencem – de forma ampla a uma congregação de fieis chamada *umma*. Portanto, a *umma* é uma comunidade islâmica que junta conjunto de indivíduos muçulmanos além de suas relações de pertencimento familiar, de pátria ou nação, mas sim considerando essencialmente a questão da fé islâmica.

De acordo com Faruqui *apud* Silva (2005, p. 32), “tradicional e simplesmente expresso, o *tauhid* é a convicção e testemunho de que não há outra divindade senão Deus”.

Referindo-se ao monoteísmo como o princípio fundamental do islã, este autor afirma que “o monoteísmo, em essência, trata-se tanto do primeiro princípio determinante do islã,⁴ assim como seu último elemento”, sendo condição “*sine qua non* do islã (...). Não pode haver dúvida de que a essência da civilização islâmica é o islã; ou de que a essência do islã é o *tauhid*, o ato afirmando que Deus é o único, o absoluto e transcendente criador, o senhor e soberano de tudo o que existe”. (FARUQUI *apud* SILVA, 2005, p. 31).

A religião islâmica assenta-se em cinco pilares fundamentais: o testemunho-testemunhar que não existe nenhuma divindade exceto *Allah* e que Mohammad é o seu profeta; a oração- reza; o zakat- apoio aos necessitados; o jejum do mês de Ramadan; e a peregrinação à Meca.

No entanto, neste trabalho, interessa-nos o cumprimento da reza e do jejum pelos estudantes muçulmanos guineenses na Unilab. Observe que de acordo com a religião islâmica tanto a reza quanto o jejum foram prescritos aos crentes muçulmanos por *Allah*.

“[...] a oração, para os crentes, é prescrição com tempos marcados”. (ALCORÃO, c. 4, An-Nissá, v. 103)⁵ Vale lembrar que há cinco orações diárias no islã, as quais são obrigatórias. Nas obrigações inclui-se também o jejum do mês de Ramadan. Conforme *Allah* disse no Alcorão Surat Al-baqara, capítulo 2:

“Ó vós que credes! É-vos prescrito o jejum, como foi prescrito aos que foram antes de vós, para serdes piedosos. Ramadan é o mês em que foi revelado o alcorão, como orientação para a humanidade e como evidência da orientação. Então, quem de vós presenciar esse mês que nele jejue; e quem estiver enfermo ou em viagem, que jejue o mesmo número de outros dias [...]”. (ALCORÃO, c. 2, Al-Baqarah , vv. 183-185).

⁴ Especificamente nessa citação, o autor se utiliza do termo “islam”, grifado de forma diferente do presente trabalho. Tal diferença se dá nas tentativas de transliteração da língua árabe para o Português, que pode vir como: “islã”, “Islã” ou Islam, sendo o último o termo mais próximo da escrita árabe, ainda que quase não visto em livros em português.

⁵ As citações relativas ao Alcorão são apresentadas da seguinte forma: “ALCORÃO, c. (número do capítulo); nome da Surata (Os capítulos do Alcorão são chamados de “Suratas” seguidas de um nome próprio, por exemplo: Surata “Al-Fatiha; An-Nas”...), v. (versículo)/ vv. (versículos).

No islã, as obrigações são chamadas de *farila*. Enquanto *sunna* é o “conjunto de ditos (*ahadice*) do profeta Mohammad”. (SILVA, 2005, p. 139).

Muitos estudantes passam maior parte de tempo nos campi de liberdade e palmares da UNILAB estudando, visto que estudam tempo integral. Porém, alguns conseguem se organizar para cumprir a reza após intervalo numa das salas/espacos dessa universidade.

Atualmente os membros da comunidade islâmica de Redenção/Acarape moram não só em Redenção como inicialmente, já algumas pessoas moram em Acarape, que fica a 3,6 km de Redenção. Porém, nota-se que em nenhum desses municípios há uma mesquita (local para cumprir a reza/oração). Fortaleza é o único lugar de que se sabe que possui duas mesquitas.

2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO OU DO FENÔMENO A SER INVESTIGADO

A prática do islã pelos estudantes guineenses no Estado do Ceará-Brasil, concretamente nos municípios de Redenção/Acarape, considerando entradas de 2011.1 a 2015.1.

2.1 Objetivo Geral

▪ Buscar entender se há dificuldades e influências nas práticas islâmicas dos estudantes muçulmanos de Guiné-Bissau na UNILAB.

2.2 Objetivos específicos:

- Procurar entender se, nas rotinas diárias dos estudantes muçulmanos da Guiné-Bissau na UNILAB, há interferência da ocupação acadêmica no cumprimento de cinco horas obrigatórias da reza e no cumprimento do jejum, estabelecidos pelo livro sagrado, o alcorão.
- Procurar entender se há influências socioculturais nas questões de (comida, vestuário; incentivo, fracasso) na convivência islâmica nos municípios de Redenção/Acarape.

3. JUSTIFICATIVA

As práticas da reza e do jejum são obrigatórias a todos os muçulmanos, sendo prescritas no livro sagrado dos muçulmanos, alcorão. A religião islâmica não escolhe fronteiras ou limites territoriais para o cumprimento dessas práticas ou obrigações uma vez que não haja impedimento para tal.

Atualmente quase todos os países do mundo são laicos, possuindo uma carta magna ou constituição em que se estabelece a livre prática de qualquer que seja religião. O Brasil é um dos exemplos disso. Apesar de ser um país majoritariamente da religião católica,⁶ a constituição brasileira é laica, por isso, permite a prática ou o cumprimento de qualquer religião.

Considerando que há um grande número de estudantes muçulmanos de Guiné-Bissau a estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), motivou-se este projeto para estudar sobre a prática da religião muçulmana, concretamente a reza e o jejum nos municípios de Redenção e Acarape. Esses estudantes muçulmanos guineenses vieram de uma realidade social-religiosa diferente do Brasil, por isso a pesquisa procura saber das dificuldades que eles enfrentam nesses municípios.

Como vimos, é crença comum para todos os muçulmanos que a reza e o jejum foram prescritos por *Allah* no livro sagrado, alcorão, para todos os muçulmanos, sendo um dos pilares fundamentais do islã. Segundo Hanini (2007),

A oração é o pilar mais importante do islã, depois do testemunho de fé, conforme prescrito pela *Sharia*. A oração um rito de adoração que consta de palavras, atos e movimentos específicos, tais como a genuflexão e a prostração, bem como a recitação de trechos do alcorão sagrado. (HANINI, 2007, p. 77).

Conforme nos explica este autor, “cada oração é composta por unidades chamadas ‘rakaats’, e cada uma destas unidades são compostas de sub-unidades onde contem a posição em pé, a recitação do alcorão, a genuflexão e a prostração, etc.” (HANINI, 2007, p. 80).

De acordo com Abdalati (2008), “o jejum do ramadan é obrigatório para cada muçulmano, de sexo masculino ou feminino, que reunir as seguintes condições”:

1. Ser mental e fisicamente normal, o que quer dizer gozar de boa saúde e ser apto.
2. Ter atingido a idade da puberdade e, que é normalmente quatorze anos. Os menores de quatorze anos devem ser estimulados a iniciarem-se nesta boa prática a níveis mais simples,

⁶ Para a taxa de católicos na sociedade brasileira, cf. JACOB *et. al.*

de maneira que ao atingirem a idade de puberdade, estejam preparados física e mentalmente para fazerem jejum.

3. Estar presente no domicílio permanente, isto é, numa viagem de cinquenta milhas ou mais, o crente pode suspender o jejum, na condição de mais tarde o recuperar.
4. Estar absolutamente seguro de que jejum não lhe vai causar nenhuma perturbação física ou mental, a não serem as reações normais à fome e à sede. (ABDALATI, 2008, p. 30).

Considerando que no islã há obrigações (*farila*) a serem cumpridas, que foram prescritas no alcorão, livro sagrado dos muçulmanos; porém, essas obrigações estão condicionadas para homens e mulheres da religião muçulmana. O trecho acima citado do Abdalati é importante para compreender em que situação ou condição o jejum deve ser cumprido.

Espera-se que o projeto traga uma grande contribuição para a comunidade acadêmica em geral através de relatos de estudantes, discussão e análise de dados que poderão servir de suporte teórico para o conhecimento da organização islâmica de Redenção/Acarape dos estudantes muçulmanos de Guiné-Bissau, principalmente de suas práticas islâmicas de reza e jejum e de suas dificuldades quanto a estes aspectos, podendo servir de apoio tanto para professores, pesquisadores quanto para os estudantes.

Ademais, sabe-se que muitas pessoas desconhecem das práticas da religião islâmica, muitas vezes sendo conectada/reduzida a atos de terrorismo, este projeto pode servir para a comunidade ou sociedade em geral entenderem um pouco sobre os dois aspectos acima mencionados, que são um dos pilares fundamentais do islã, mais concretamente tratar-se-á do cumprimento da reza e do jejum por um determinado número de estudantes guineenses da Unilab, o que também pode ajudar no conhecimento de como esses estudantes e muitos outros vivem ou praticam o islã nos municípios cearenses de Redenção e Acarape.

4. PROBLEMATIZAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Em meio à situação da falta da mesquita próxima ao município de Redenção e Acarape, onde moram os estudantes, para cumprir a reza (como habitualmente a maioria fazia na Guiné-Bissau) e com o estudo na Universidade, como esses estudantes praticam o islã? Como conseguem cumprir um dos pilares fundamentais do islã: a reza e o jejum? Buscar-se-á responder tais questões ao longo do trabalho, podendo possibilitar numa conclusão válida que ajude na integração ou intercompreensão sociocultural e religiosa, tanto na Unilab quanto em outros espaços acadêmicos ou fora deles.

Espera-se com o trabalho puder contribuir para o conhecimento aprofundado sobre a prática islâmica dos estudantes guineenses na Unilab, ou seja, sobre a aplicação por eles de um dos pilares do islã: reza e jejum.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1 Conceito da religião

Vamos trazer uma discussão sobre a religião enquanto conceito, debatido por vários autores entre os quais destacamos os nomes de Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Com esses autores faremos uma abordagem conceitual sobre a religião, no final apresentaremos a concepção sociológica do Islã do Mar Weber citado por Silva (2005).

A religião é um conceito de múltiplas definições e muitas delas contraditórias. Mas antes de apresentarmos em algumas passagens tais definições que se contradizem entre si, importa salientar que foi Émile Durkheim quem trouxe a religião para o campo da investigação sociológico-científica, criando categorias, num período em que a sociologia ainda se busca afirmar como ciência.

Sumariando o pensamento de Durkheim sobre o que ele chama de fenômeno religioso, na sua obra *as formas elementares da vida religiosa* (1996), defendeu que, ao falarmos sobre qualquer que seja religião dependendo do estágio em que se encontra, faz-se necessário primeiramente “definir o que convém entender por religião, caso contrário, correríamos o risco” de dar nome de religião “um sistema de ideias e prática que teria nada de religioso”, ou ignorar de lado “fatos religiosos” sem tomar em conta “sua verdadeira natureza” (DURKHEIM, 1996, p.3). Disse ainda que os homens tinham sido levados “a criar para si uma noção do que é a religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse” criar “suas comparações metódicas”. E “para aquele que vê na religião uma manifestação natural da atividade humana”, vale dizer que todas elas são instrutivas e exprimem ao homem à sua maneira e podem desse modo ajudar a compreender da melhor forma “esse apeto da nossa natureza” (DURKHEIM, 1996, p. 4).

Durkheim observa também que a noção de sobrenatural era tida como característica de tudo que é religioso. Por sobrenatural, compreende-se toda ordem de coisa que vai para além do alcance de nossa percepção; “o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível” (DURKHEIM, 1996, p.5). A religião seria uma espécie de especulação sobre tudo o que ultrapassa a ciência e, de modo geral, o pensamento evidente. Spencer (apud Durkheim, 1996) afirmou que as religiões diametralmente contrárias por seus dogmas concordam em aceitar de modo implícito que o mundo, com tudo que dispõe e tudo que o rodeia, “é um mistério que pede uma explicação”. Assim, Max Muller (apud Durkheim,

1996), enxergava em toda religião ‘um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração ao infinito’(DURKHEIM, 1996, P. 5). E, diga-se de passagem, segundo Durkheim, a ideia do sobrenatural, assim como a entendemos, data do passado: ela supõe, na verdade, a ideia oposta, da qual é a negação e que nada tem de primitiva. Para que se pudesse dizer que dados fatos são sobrenaturais, era necessário antes ter o sentimento de que existe uma ordem natural das coisas. E desse modo, a ideia do mistério nada tem de original. Ela não tinha sido dada ao homem: foi o homem que a tinha forjado com suas próprias mãos, ao mesmo tempo que concebia a ideia oposta.

Uma outra concepção pela qual tinha se tentado frequentemente definir a religião era a da divindade. Réville (apud Durkheim, 1996), define a religião como a determinação da vida humana pelo sentimento de um vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhecia a dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual ele quer sentir-se unido. com efeito, se entendemos a palavra divindade num sentido preciso e limitado, a definição coloca de fora um número expressivo de fatos manifestamente religiosos. As almas dos mortos, os espíritos de toda espécie e de toda ordem, com que a imaginação religiosa de tantos povos diferentes povoou a natureza, são sempre objeto de ritos e, às vezes, até de um culto regular; no entanto não se trata de deuses no sentido próprio da palavra (DURKHEIM, 1996, p. 11). E por seres espirituais, entende-se de

sujeitos conscientes, dotados de poderes superiores aos que possui o comum dos homens; essa qualificação convém, portanto, às almas dos mortos, aos demônios, tanto quanto às divindades propriamente ditas. [...]. E já que a religião teria por objeto regular nossas relações com esses seres especiais, só poderia haver religião onde há preces, sacrifícios, ritos propiciatórios. teríamos, assim, um critério muito simples que permitiria distinguir o que é religioso do que não é. [...] (DURKHEIM, 1996, p.11-12).

É importante destacar conforme Durkheim que “há grandes religiões em que a idéia de deuses e espíritos está ausente, nas quais, pelo menos”, ela joga “tão-só um papel secundária e apagado”. E do mesmo modo, importa dizer também que “há ritos sem deuses e, inclusive há ritos dos quais derivam dos deuses”. Nem todas as virtudes religiosas são providas de “personalidades divinas, e há relações culturais” que não objetivam outra coisa que não seja “unir o homem a uma divindade”.

Para este autor, os fenômenos religiosos são classificados em duas categorias fundamentais, quais sejam: as crenças e os ritos. “As primeiras são estados da opinião, que consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois

tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento” (DURKHEIM, 1996, p. 19).

Assim, os ritos apenas podem ser definidos e distinguidos das restantes práticas humanas, como das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. Na verdade, uma regra moral, bem como um rito, nos determina o modo de agir, “mas que dirigem a objetos de um gênero diferente”. Pois é o objeto do rito que precisará caracterizar para se poder caracterizar o próprio rito. “Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime”. Desse modo, apenas se pode definir o rito depois de se ter definido a crença.

Prosseguindo, Durkheim adianta que, todas as crenças religiosas conhecidas, quer simples ou complexas, revelam um mesmo “caráter comum: supõem uma classificação das coisas reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras *profano* ou *sagrado traduzem bastante bem*” (DURKHEIM, 1996, p.19). A separação do mundo em dois domínios que envolvem,

Um, tudo que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, suas relações mútuas e com as coisas profanas. Mas, por coisas sagradas, convém não entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos: um rochedo, uma árvore, uma fonte, um seixo, um pedaço de madeira, uma casa, em uma palavra, uma coisa qualquer pode ser sagrada. Um rito pode ter esse caráter; inclusive, não existe rito que não o tenha em algum grau. Há palavras, frases, fórmulas que só podem ser pronunciadas pela boca de personagens consagrados; há gestos e movimentos que não podem ser executados por todo mundo. [...]. O círculo dos objetos sagrados não pode, portanto, ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável conforme as religiões. [...]

(DURKHEIM, 1996, p. 19-20).

Na concepção de Durkheim, as crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e os vínculos as que elas mantêm, quer entre si, quer com as coisas profanas. Afinal, “os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 1996, p. 24). E acrescenta ainda que, quando dado “número de coisas sagradas mantém entre si relações de coordenação e de subordinação”, de modo a “formar um sistema dotado de uma” dada unidade, mas que não toma parte ele próprio de nenhum outro sistema da mesma natureza, “o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui uma religião. [...]” (DURKHEIM, 1996, p.24). Para ele,

uma religião não se limita geralmente a um culto apenas, “mas consiste em um sistema de cultos dotados” de determinada “autonomia”. Tal autonomia, por sinal, é variável. Em dados momentos, “os cultos são hierarquizados e subordinados a um culto” de maior predominância, “no qual acabam inclusive por absorvidos; mas ocorre também estarem simplesmente justapostos e confederados. [...]”(DURKHEIM, 1996, p. 25).

Um outro ponto também importante de se distinguir nessa obra de Durkheim é: a magia e a religião. Segundo este sociólogo francês, a magia “é feita de crenças e de ritos”, tal qual a religião, possui seus mitos e seus dogmas; eles são apenas mais rudimentares, justamente porque, “buscando fins técnicos e utilitários”, a magia não desperdiça seu tempo com especulações. Ela possui “suas cerimônias, seus sacrifícios, suas purificações, suas preces, seus cantos e suas danças” (DURKHEIM, 1996, p. 26). Portanto, diante dessa tentativa traçar a linha distintiva entre a religião e a magia, Durkheim coloca as seguintes questões: “será que se deveria então dizer que a magia não pode ser distinguida com rigor da religião? Que a magia está repleta de religião, como a religião de magia, e que, por conseguinte, é impossível separá-las e definir uma sem outra?” (DURKHEIM, 1996, p. 27); para este autor, “o que torna essa tese dificilmente sustentável é a marcada” intolerância da religião pela magia e, “em contrapartida, a hostilidade da segunda pela primeira”. A magia possui “uma espécie de prazer profissional em profanar as coisas sagradas; em seus ritos”, faz em sentidos contrários “as cerimônias religiosas”. Por seu turno, a religião, se nem tinha condenado e proibido os ritos mágicos, os via em geral com desagrado. Como constatavam Hubert e Mauss; há nos procedimentos do mágico, algo de modo intrínseco antirreligioso. Pois ainda que possa haver ligação entre dois tipos de instituições, é difícil que elas não contrastavam em algum ponto. Entretanto, aqui está a maneira como se pode marcar uma linha fronteira entre esses dois domínios.

Em suma, é importante afirmar que a definição cabal da religião a qual Durkheim chega é a seguinte: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a elas aderem. [...]” (DURKHEIM, 1996, p. 32).

Sendo um conceito de várias definições como já dissemos em cima, aqui importa evidenciar outros sentidos dados sobre a religião por Max Weber e Karl Marx. Portanto, na concepção crítica, filosófica e política de Karl Marx e Friedrich Engels, a religião é definida como “suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração” bem como o “espírito de condições sociais de onde o espírito” tinha sido “executado”. ou seja, “ela é o ópio do

povo” (MARX & ENGELS apud HERVIEU-LÉGER & WILLAIME, 2009, p. 20). Nas suas observações críticas, Marx defende que

Abolição da religião enquanto felicidade *ilusória* do povo é a exigência que formula sua felicidade *real*. Exigir que ele renuncie às ilusões sobre sua situação é *exigir que ele renuncie a uma situação que tem necessidade de ilusões*. A crítica da religião é, portanto, *em germe, a crítica desse vale de lágrimas*, do qual a religião é a *auréola*. [...] (MARX & ENGELS apud HERVIEU-LÉGER & WILLAIME, 2009, p. 20).

Entretanto, diante destas abordagens críticas de Marx, percebe-se que, além do sentido que ele atribuiu à religião, preconiza a sua extinção. A semelhança dos dois autores acima referidos (Durkheim e Marx), Max Weber por seu lado, definiu a religião como ‘uma espécie particular de modo de agir em comunidade’, da qual, se ocupa de “estudar as condições e os efeitos” (WEBER apud HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 2009, p. 82). Aqui importa destacar que Weber não fala da religião de modo prioritário como sistemas de crenças, mas como ‘sistemas de regulamentação da vida’ e, que ‘souberam reunir em torno de si, massas particularmente importantes de fiéis’ (SR, 331 apud HERVIEU-LÉGER e WILLAIME, 2009, p. 82).

Portanto, eis os debates contraditórios entorno do conceito da religião. Importa deixar claro que a nossa intenção a quando da elaboração de abordagem sobre o conceito acima referido, limita apenas em situar ou permitir que o leitor aproprie do campo do debate do conceito em questão.

5.2 A concepção sociológica de weber sobre o islã

Segundo Silva (2005), o islã pode ser entendido, na parca análise social do Weber, através destes termos: no ensaio intitulado o profeta, em que Weber se esforça em fazer a distinção entre a missão profética do sacerdote e do mago.

De acordo com Max Weber, “diferentemente do sacerdote, a autoridade do profeta depende da revelação com um conteúdo [...] o conteúdo da sua missão não consiste em magia, senão, em doutrina e mandamento” (WEBER, apud SILVA 2005, p. 147).

Vale lembrar que, na crença islâmica, ao profeta Muhammad foi revelado o alcorão sagrado, aos 40 anos de idade, pelo anjo Jibril (Gabriel). No que se refere à revelação da qual o Weber trata, conforme observa Seda (2005),

Tal como o Alcorão, Muhammad (p) recebeu a Suna por inspiração divina. Ao contrário do Alcorão, a Suna não é o discurso directo e literal de Deus. Os ensinamentos vieram de Deus

(revelação divina), mas as palavras foram as de Muhammad (ρ) [um exemplo para a Humanidade]. [...]. (SEDA, 2005, p. 40).

Ao contrário de trabalhos milagrosos de Jesus, os problemas da legitimação da missão de profeta Muhammad deram-se diferentemente. Segundo Silva (2005, p. 147-148), na interpretação de Weber, “ a posição de Muhammad como profeta, líder carismático e legislador (*aysimnet*) foi seguida inevitavelmente por uma supremacia política e militar” [...]. E acrescenta que “desde que Muhammad falhou com seus *conventículos pietistas* na construção de uma base adequada em Meca, redirecionou a mensagem aos clãs guerreiros e, inevitavelmente, sua mensagem monoteísta e ascética foi transformada em termos de interesses militares”. (WEBER *apud* SILVA, 2005, p. 147-148).

Pode-se perceber grande limitação na análise social de Weber sobre o islã, quase exclusivamente voltada à vida de profeta Muhammad, contudo, tal como observa Silva (2005),

Embora a sociologia de Weber nos apresente com um programa metodológico que traça os passos a serem seguidos ao passar de uma interpretação subjetiva do ator das relações sociais à explicação do observador seus comentários sobre o islam e o Muhammad ignoram alguns dos princípios básicos de sua própria sociologia interpretativa (*verstehende*): ignoram as auto descrições muçulmanas e, além disso, apresenta um argumento reducionista no qual o islam é explicado parcialmente através da referência à conquista de despojos e de *status* pessoal. Na prática, sua explicação envolve um tratamento da satisfação religiosa como um epifenômeno baseado na obtenção de vantagens pessoais numa conquista secular. (SILVA, 2005, p. 149).

Além dessas observações feitas pelo Silva (2005) sobre análise sociológica de Weber ao islã, podemos acrescentar que essa religião não se resume à guerra, antes pelo contrário, é uma religião da paz, aliás, a própria etimologia da palavra islã nos remete a isso. Tal como nos diz Abdalati (2008, p. 21), “a palavra islam deriva da raiz árabe ‘salama’, que significa paz, pureza, submissão, obediência etc. E acrescenta que “no sentido religioso, a palavra islam significa: ‘submissão voluntária à vontade de Deus e obediência à sua lei’”.

6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS/ASPECTO TEÓRICO - METODOLÓGICO

Esta pesquisa buscará entender a partir da análise de preceitos islâmicos sobre o jejum e a reza presentes no alcorão sagrado; também discutiremos a religião enquanto conceito debatido por vários autores entre os quais destacamos os nomes de Émile Durkheim (1996), Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920), presente no trabalho de Hervieu-Lédger e Willaime, intitulado “sociologia e Religião” (2009) e analisaremos a concepção sociológica da religião deste último autor.

Além disso, no trabalho faremos a fundamentação bibliográfica, de questionários a serem efetuados a alguns estudantes muçulmanos guineenses na Unilab e de alguns trechos de *ahdices*, com vista a apresentar algumas abordagens teóricas/científicas e islâmicas a respeito do assunto.

Nesse contexto, para interpretação e elaboração dos dados desta pesquisa, trabalharemos em observação às metodologias de Rodrigues (2006) e de Marconi & Lakatos (2003). Dentre as fases e execução de uma pesquisa, temos: a seleção, organização, coleta, elaboração e interpretação dos dados.

Na pesquisa científica, podem ser selecionados os métodos e as técnicas que serão usados a partir da *proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo da pesquisa*. E a seleção dos instrumentos metodológicos relaciona-se *com o problema a ser estudado*, levando em conta, entre outros aspectos, *a natureza dos fenômenos, o objeto de pesquisa, os recursos financeiros, a equipa humana*, bem como *outros elementos capazes de surgir no ato da investigação*. Além disso, é necessária a adequação dos métodos e das técnicas *ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e ao tipo de informante* com que se possa entrar em contato. Geralmente usa-se concomitantemente mais de um método ou uma técnica, nem apenas aquele/a que se conhece, mas sim pode-se utilizar *todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso*. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 163-164).

De acordo com estes autores, há dificuldade na organização dos instrumentos da pesquisa/investigação, necessitando sempre de tempo. Além desse aspecto, a organização de material de pesquisa tem a ver com *o arquivamento de ideias, reflexões e fatos que o investigador vem acumulando no transcurso de sua vida*. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 164).

Por sua vez, a coleta de dados é considerada tarefa muito cansativa, que leva muito tempo, exigindo do pesquisador *paciência, perseverança, esforço pessoal, cuidadoso registro dos dados e um bom preparo anterior*. Sendo fundamental o controle rigoroso *na aplicação dos instrumentos de pesquisa para evitar erros e resultados defeitos* que possam resultar de *entrevistadores inexperientes e entrevistados tendenciosos*. Dentre vários procedimentos para efetivação de coleta de dados, temos: coleta documental, observação, entrevista, questionário, formulário e análise de conteúdo. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 165-166).

Em seguida, após a coleta dos dados, a pesquisa passa por três etapas. Conforme demonstra Rodrigues (2006, p. 99-101):

- Seleção, que consiste em conferir e avaliar a exatidão dos dados na coleta de dados [...];
- Codificação, que é o processo pelo qual pesquisador os dados obtidos em símbolos, para facilitar a sua contagem e tabulação. Geralmente usam-se como códigos (números e letras).
- Tabulação, que é o processo de representação dos dados em tabelas, objetivando uma melhor visualização, inter-relação, compreensão e análise dos dados.

A análise e interpretação dos dados vêm após coletarmos os dados. A primeira (análise) *corresponde a organizar, apresentar e descrever os resultados, apresentado as relações existentes entre os dados obtidos do fenômeno estudado*. E a segunda (interpretação) *visa à reflexão e à explicação; apresentar os resultados em um contexto mais abrangente; interagir, comparar e avaliar os resultados, procurando também a solução do problema*. (RODRIGUES, 2006, p. 108).

7. MÉTODOS/DESENHO DOS INSTRUMENTOS

Este trabalho constituirá de um total de 11 questionários feitos aos estudantes muçulmanos/informantes de Guiné-Bissau. Entres os questionados, 3 são de sexo feminino e 18 são de sexo masculino, sendo 21 estudantes, ambos são estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Considera-se as entradas do ano 2011 a 2015, especificamente do trimestre letivo 2011.1 a 2015.1. Selecionou-se uma amostra de 11 pessoas, incluindo rapazes e meninas.

Os estudantes selecionados são de cinco cursos diferentes e não estudam no mesmo período, ou seja, uns estudam o período integral; e outros, o período noturno. Apesar de frequentarem a mesma universidade, estudam em diferentes campi, pois a universidade já possui três campi no Estado do Ceará. Não se inclui neste trabalho o campus da Unilab que fica no Estado da Bahia, campus Malês.

No questionário, há um total de 11 perguntas, dentre as quais, temos questões voltadas ao cumprimento de obrigações na religião islâmica, especificamente, reza e jejum, e outras perguntas a respeito de influências socioculturais, as quais serão tratadas no próximo capítulo deste trabalho.

8. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES

Este trabalho buscará entender a partir da análise de preceitos islâmicos sobre o jejum e a reza presentes no alcorão sagrado; serão trazidas as discussões sobre o conceito de religião, baseando-se nos trabalhos de Émile Durkheim (1996), intitulado “as formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália” e das abordagens dos trabalhos de Karl Marx e Max Weber produzidos no livro de Danièle Hervieu Léger e Jean Paul Willame (HERVIEU-LÉGER e& WILLAIME, 2009), intitulado “sociologia e Religião”.

Também apresentar-se-á a concepção sociológica da religião de Marx Weber, presente no trabalho de Silva (2005), intitulado “Islam: valores religiosos como fundamentos da ordem social e política”.

Tais autores servirão de base para a realização da pesquisa, aos quais juntaremos como suporte o alcorão sagrado traduzido em língua portuguesa e *ahdices*, ditos do profeta Moammed, para pudermos entender as discussões e a concepção teórico-científicos e islâmica sobre o conceito da religião e do islã, e a prática do jejum e da reza no islã.

Além disso, no trabalho far-se-á a fundamentação bibliográfica, de questionários a serem efetuados a alguns estudantes muçulmanos guineenses na UNILAB e de alguns trechos de *ahdices*, com vista a apresentar algumas abordagens teóricas/científicas e islâmicas a respeito do assunto.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO. Tradução do seu sentido para a língua portuguesa de Mansour Chalita. RJ: Associação Cultural Internacional Gibran. S/D.
- ABDALATI, Hammudah. *O islã em foco*. SP, Brasil: 1429 H-2008.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paula: Martins fontes, 1996.
- HAYEK, Samir El. Alcorão Sagrado. Os significados dos versículos.
- FARUQUI. In SILVA, Fábio Henrique de Souza da. *Islam: valores religiosos como fundamentos da ordem social e política*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 2005.
- HANINI, Zurara Mohd El. *Noções de direito islâmico (shariah)*. Brasil, 2007.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. Aparecida, SP: ideias & Letras, 2009.
- JACOB, Cesar Romero *et al*. *Religião e Sociedade em capitais Brasileiras*. RJ: Loyola / PUC Rio / CNBB. 2006.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. *Metodologia Científica*. 1ª Edição, São Paulo: Avercamp, 2006.
- SILVA, Fábio Henrique de Souza da. *Islam: valores religiosos como fundamentos da ordem social e política*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 2005.
- LEWIS, Bernard. *Os árabes na história*. 2ª edição. Editorial Estampa: Lisboa, 1990.
- HOURANI, Albert Habid. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.